

# ENTREVISTAS / RESERVIAS



# "A PALAVRA VOADA": ENTREVISTA COM MARIA TERESA HORTA<sup>1</sup>

*Por Sarah Carmo  
(Universidade Sorbonne Nouvelle Paris 3)*

---

**Sarah Carmo:** Para a Teresa, o que é a poesia?

**Maria Teresa Horta:** Eu sou a minha poesia, portanto a poesia é a minha voz, a minha expressão voada. A poesia é a minha alquimia. A poesia é sonho e utopia. A poesia é a parte melhor de todos nós. A poesia é nossa língua e nossa linguagem. A poesia é constelação e é pátria. A poesia é o melhor de Portugal

**Sarah:** Que tipo de ligação existe entre a poesia e a ficção ? Para si, será que essa distinção de géneros faz sentido?

**Maria Teresa Horta:** A ligação entre a poesia e a ficção é feita pela palavra voada, pelo trabalho de tessitura. No meu caso, sou eu mesma, porque eu sou a minha escrita. Porque eu sou, sobretudo, a minha poesia. E nada sei nem desejo escrever, no âmbito da literatura, sem o trabalho poético da linguagem, ou sem ir com a sua magia revoltosa, de tumulto: minhas asas, meu voo, minha alquimia.

**Sarah:** A palavra voada é a palavra sensível?

**Maria Teresa Horta:** A palavra pode ser sempre sensível, mas não voada. A palavra voada é sobretudo a palavra do poético, do poeta, a palavra do anjo. Os meus anjos são seres mediadores, das palavras do corpo.

**Sarah:** Gostava que desenvolvesse mais a sua resposta e que me explicasse melhor o que entende nessa expressão. Será que remete para Hélène Cixous, no seu artigo "Le rire de la méduse", quando ela diz que "Voler, c'est le geste de la femme. (...)"><sup>2</sup> e que ela faz entrecruzarem-se os dois sentidos da palavra em francês, voar e roubar (uma homonímia similar existe entre arroubo e roubo), para falar do voo como transgressão e desorientação da ordem simbólica?

**Maria Teresa Horta:** O voo de que falo é o voo da transgressão. Portanto, tanto pode ter a ambiguidades da língua francesa, *e ser voler enquanto roubo ou voar*, com a qual joga Helène Cixous, como a

*ambiguidade da língua portuguesa, e ser arroubo ou roubo, com a qual eu trabalho equivocadamente.*

**Sarah:** Se a palavra voada é a palavra do anjo, de que anjo se trata? Do anjo da Bíblia, de um anjo poeta próximo de Ícaro, do anjo de Rilke, ou ainda do anjo de Benjamin? Talvez seja o anjo da Teresa, mas que significado reveste?

**Maria Teresa Horta:** Quanto ao anjo, bem... Os meus anjos são seres com uma componente de corpo erótico de grande intensidade andrógina sexuada. Mas, neles, há, igualmente, um lado impreciso de voo e de crueldade intocável, que passa pelo indizível...

Os anjos têm atravessado toda a minha vida.

Toda a minha escrita.

Escutava-os na infância: eles estavam à minha cabeceira. – Numa gravura por cima da minha cama, estava um anjo de manto azul, cuidando de uma menina, na qual eu me reconhecia. Continuo a ouvir-lhes o rumor das asas. – São os anjos da minha poesia...

**Sarah:** Seja na poesia ou seja na prosa, a Teresa é a sua escrita. É essa a ligação da poesia à ficção, uma ligação de carne à ideia, do sentido ao sentir?

**Maria Teresa Horta:** Digamos que essa é, obviamente, a primeira das muitas ligações, pois, antes de tudo o mais, eu sou a minha escrita. Mas há, igualmente, o sentido de corpo da linguagem e a sua tessitura. Sim, uma atadura-ligação do corpo da escrita ao corpo da ideia, do corpo do sentido ao corpo do sentir.

**Sarah:** Qual a função que atribui a esse trabalho sobre os géneros que está presente na sua obra? Será também uma maneira de romper com a clausura e de praticar a eclosão e a passagem?

**Maria Teresa Horta:** A literatura é já em si mesma a passagem. A eclosão é a própria criatividade, naquilo que escrevo:

labareda e reinvenção. Tumulto e sobressalto

Sempre.

A minha escrita é feita de luz, de intertextualidades, de reinvenção permanente. E, tanto quando ficção ou quando poesia, de género, mas igualmente de constelações e desejo. De questionamentos e de um exaustivo trabalho literário, poético, sobre a linguagem.

**Sarah:** A questão do género é para si uma limitação?

**Maria Teresa Horta:** Os limites nunca me limitam, porque não lhes aceito as regras, como já disse num poema. Ou seja, eu rompo com todos os limites, infrinjo-os. Não pode haver limites na poesia. Melhor dizendo, a poesia não contém nem suporta limite algum.

**Sarah:** Outra forma de vencer os limites são os encavalgamentos que caracterizam ao meu ver a sua poética e que surgem nos seus textos de maneira a nunca dar por acabado qualquer pensamento, sentido ou imagem. Essa transgressão constante é o apanágio do feminino?

**Maria Teresa Horta:** Essa mistura constante, esse fusionamento, esse não aceitar os limites, esse descer até às fundações de nós e daquilo que escrevemos, essa constante busca de raízes, esse procurar minucioso da própria escrita, pondo em causa estrutura e pensamento, parece-me ser uma forma de encarar a escrita, a literatura, muito feminina. Levada a cabo com extrema persistência, sobretudo, pelas mulheres escritoras, pelas mulheres da poesia.

**Sarah:** Entre a prosadora e a poetisa, qual é o lugar da jornalista?

**Maria Teresa Horta:** Digamos que na minha escrita existem três vozes: a da poetisa, a da ficcionista e a da jornalista. Por vezes podem misturar-se, prefiro dizer matizar-se, mas também podem existir excluindo as outras suas vozes. Para ser clara, posso dizer-lhe que, quando escrevo poesia, habitualmente só escuto o canto da poetisa, tal como, quando faço reportagens ou entrevistas, só uso a escrita da jornalista que sou. Já a ficcionista que há em mim, essa, invoca sempre em seu auxílio o voo da poetisa; e por vezes, também, a experiência da jornalista, para esta a ajudar, com eficácia, a desenrolar a linha do novelo da história e da História.

**Sarah:** Que sentido dá ao trabalho da linguagem que reivindica? Será uma procura estética? Uma forma de desobediência? Uma interrogação ética?

**Maria Teresa Horta:** Trabalhar a linguagem é trabalhar a língua com a qual escrevo: o português. Um trabalho exaustivo, uma paixão minha, uma constante descoberta e criatividade do excesso. Quanto melhor trabalhar a linguagem, melhor eu escrevo e melhor, portanto, contarei-pas-sarei o que pretendo dizer-contar-voar.

Desejo.

Para mim, linguagem é desejo.

Escrever pode-deve ser êxtase.

**Sarah:** No seu trabalho da linguagem, permanece confiante em relação à língua materna?

**Maria Teresa Horta:** Em literatura não há questões de confiança, mas de criatividade, e eu nunca senti problemas a esse nível. Mas, tentando ir ao fundo da sua pergunta, confesso-lhe que trabalhar a língua portuguesa, língua riquíssima, antiquíssima, é um constante maravilhamento.

Trabalhar na escrita a minha maravilhosa língua materna, de uma beleza-riqueza secular. É um prazer imenso, sulcar-mudar-mudá-la, inventar-reinventá-la a partir dela-mesma, das suas raízes mais fundas. Ir

atrás das suas lianas, das suas cisternas naturais, das suas correntezas de rio, do seu ondular de oceano, à proa do navio da escrita, em busca de avisar uma nova nesga de terra-areia-ilha.

**Sarah:** Ao mesmo tempo que se nota uma presença autoral assumida na sua obra, o exercício da escrita aparece também como um meio de fundir a sua própria voz na voz dos outros, pelo viés da intertextualidade, por exemplo, ou ainda nas *Novas Cartas* onde prescindiu da sua autoridade, e ultimamente nas *Luzes de Leonor*, onde a Teresa abre um espaço no seu discurso à Leonor. Gostava que a Teresa falasse sobre a maneira como encara a função de autora.

**Maria Teresa Horta:** Creio que só aparentemente prescindir da autoria dos meus textos, quando escrevi *Novas Cartas Portuguesas*, com a Maria Isabel Barreno e a Maria Velho da Costa. Na realidade, em momento algum prescindir da minha autoria literária; pois, na realidade, cada uma de nós assume a autoria de todos os textos e poemas do livro.

Longe vão os tempos em que as mulheres tinham de usar pseudónimos masculinos, ou manter o anonimato, para serem lidas e publicadas, pois ninguém levava a sério uma obra de autoria feminina.

E se em *As Luzes de Leonor*, é verdade que abro um espaço do meu discurso à Leonor; também é verdade que escrevo algumas vezes a partir do discurso dela e de muitas outras autoras; a isto chama-se intertextualidade.

**Sarah:** Sim, trata-se de intertextualidade. Tem razão. Mas, ao meu ver, a sua prática da intertextualidade tem isso de particular que não remete nem para uma apropriação, nem para uma revisitação, nem mesmo para uma influência. A Teresa “escreve com” e consegue assim um espaço de partilha e de igualdade. Não acha?

**Maria Teresa Horta:** Acho, sim, é isso precisamente que eu pretendo: Partilha, Luz, Igualdade, Liberdade. Aliás, eu nunca me aproprio, busco o impossível no excesso da escrita; eu nunca revisito, cumpro a beleza no cerne da vertigem; eu nunca me deixo influenciar, redescubro-me na avidez e no tumulto.

Eu sou uma mulher, uma poetisa, uma escritora da poesia arrebatada.

**Sarah:** O excesso, o êxtase, a intensificação dos sentidos são expressões que remetem todas para o corpo. Só o corpo é que conta?

**Maria Teresa Horta:** Não, está enganada, não remetem todas unicamente para o corpo! Nada tem um só sentido, um único lado, nada é só Luz ou Sombra, como tão bem sabiam Teresa de Ávila e Hildegarda de Bingen. As obras de cada uma delas reflecte exactamente essa dualidade, essa exaltação e, logo, apaziguamento.

**Sarah:** Que valor reveste a paixão da beleza omnipresente nos seus textos?

**Maria Teresa Horta:** O valor da exaltação, do êxtase. – Ah espantosa Teresa de Ávila! A minha maior procura, quer na escrita, quer na vida, é a da beleza. Paixão da beleza no tumulto,

num trabalho poético e ficcional exaustivo e vertiginoso. Queria, sim, atingir o seu âmago, mesmo que isso queimasse as minha asas da poesia.

**Sarah:** Para terminar, gostava que me falasse da sua primeira experiência da beleza.

**Maria Teresa Horta:** A minha descoberta da beleza deu-se quando ao nascer, olhei pela primeira vez a minha mãe.

Encontrei-a quando li pela primeira vez, a primeira palavra.

Descobri-a quando escrevi pela primeira vez, a primeira palavra.

O primeiro verso.

A primeira frase.

*Recebido para publicação em 15/06/12.*

*Aprovado em 15/08/2012.*

## NOTAS

1 Na transcrição da entrevista de Maria Teresa Horta, mantivemos o jogo de formas e espaços em suas respostas.

2 Ver CIXOUS, Hélène. Le rire de la méduse. *In: Larc*. Aix-en-Provence, n. 61, p. 49, 1975.